

O *REBRANDING* DO COLONIALISMO: UMA ANÁLISE SOBRE O DISCURSO DE PARDITUDE¹

Igor Fonseca SILVA²

¹ GT 8 - Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2025), ifsilva.cos@uesc.br.

RESUMO

O presente trabalho investiga a disseminação de discursos sobre racialidade na comunicação, por meio de cinco conteúdos publicados pela influenciadora digital Beatriz Bueno na rede social Instagram, entre os anos de 2021 e 2024. Justifica-se a relevância na ascensão dos pardos ao patamar de grupo étnico-racial majoritário, totalizando 45,3% ou 92,1 milhões de brasileiros (IBGE, 2022), demarcados como negros pelo Estatuto da Igualdade Racial, mas com 60% dos seus adeptos não se reconhecendo da mesma maneira (Datafolha, 2024). O perfil foca na promoção da parditude, conceito apresentado como inovador no campo dos estudos das relações étnico-raciais brasileiras, que localiza o pardo na qualidade de categoria político-identitária emancipada. A partir de uma pesquisa bibliográfica ancorada em autores como Bento (2016), Carneiro (2023), Fernandes (2008), Ferro (2023), Moura (2014), Munanga (2012; 2019), Nascimento (2016), Nogueira (2021) e Souza (1983), verifica-se que a sociedade brasileira é aparelhada pela hierarquização racial, com interferências direta nas relações sociais, culturais, econômicas, psicológicas e epistemológicas mantidas nas esferas pública e privada. O pardo surge como categoria censitária residual e se converte em um campo de disputa política e antropológica, disputado pelo Estado, pela negritude, pelos movimentos indígenas e pelos próprios autodeclarados pardos. O olhar sobre as dinâmicas da economia política da comunicação no digital aliadas ao fenômeno do colonialismo de dados, através do capitalismo de vigilância de Zuboff (2021) e do racismo algorítmico discutido em Noble (2021) e Silva e Araújo (2020), ajuda a compreender o porquê de discursos como a parditude serem facilmente propagáveis em um algoritmo forjado para perpetuar a centralidade da branquitude ocidental. Para examinar as postagens, o estudo parte da Análise do Discurso (AD), tal qual proposta por Kress e Van Leeuwen (2001), de Pêcheux (1997; 2006) e Orlandi (2012). Tem dispositivo de análise as estratégias de enunciação, delimitadas através de três critérios analíticos: uso das ferramentas multimodais do Instagram, estímulo a sensação de pertencimento e diálogo com propostas teóricas pré-estabelecidas. Observa-se um manejo consciente das ferramentas linguísticas da plataforma, bem como de seus múltiplos formatos, para aglutinar uma comunidade online em prol da perpetuação do termo. A evolução da construção discursiva vai de provocações iniciais em cards com legendas, ao uso de variados formatos em vídeo para gerar conexão com seguidores. A palavra “leopardo”, bem como sua representação gráfica em ícones e designs, é ressignificada para mobilizar os adeptos à parditude ao redor de um signo específico. Os adeptos à retórica da negritude, em especial seus articuladores no meio acadêmico, são delimitados como os algozes para a emancipação política dos pardos, por defenderem a inclusão deles na categoria negro. Constata-se ainda que o discurso organizado em torno da parditude está alinhado a preceitos ideológicos gestados no Período Colonial. Através da textualidade verbal, denotam-se aproximações da retórica da parditude com a ideia de “democracia racial”, no sentido de insistir na criação de uma “consciência mestiça” que, independentemente das intenções alegadas, cria um ambiente propício para a negação do racismo estrutural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. cap. 2, p. 27-62.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DATAFOLHA. 6 em cada 10 pardos não se consideram negros, diz Datafolha. Folha de São Paulo, 6 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/6-em-cada-10-pardos-nao-se-consideram-negros-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 14 maio 2025.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. v. 1.
- FERRO, Sérgio Pessoa. O ser indígena na história institucional brasileira: pardismo como razão de estudo. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022 – Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=BR>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. Londres: Hodder Arnold, 2001.
- MOURA, Clóvis. Dialética radical do Brasil negro. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NOBLE, Safiya Umoja. Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2021.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A cor do inconsciente: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento? 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SILVA, Mozart Linhares da; ARAÚJO, Willian Fernandes. Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 24, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.40>. Acesso em: 29 mar. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. Lar ou exílio no futuro digital. In: ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. cap. 1, p. 15-39.